

THE FORTUNETELLER: RELATO DE EXPERIÊNCIA EM PRÁTICA DE TRADUÇÃO EM LÍNGUA INGLESA

Priscilla Thuany C. F. da COSTA (UFPB)
Cristiane Bezerra do NASCIMENTO (UFPB)

RESUMO: O presente trabalho relata uma experiência de tradução do conto ‘A Cartomante’, de Machado de Assis na disciplina Prática de Tradução em Língua Inglesa do curso de Graduação em Tradução da Universidade Federal da Paraíba, durante o período 2016.2. O trabalho busca apresentar, do ponto de vista discente, as dificuldades suscitadas na tradução, as reflexões teóricas delas decorrentes e de que forma essas reflexões e o método aplicado em sala de aula contribuíram para o desenvolvimento da competência tradutória das alunas envolvidas, bem como de uma visão mais crítica acerca das funções do tradutor. A metodologia adotada na disciplina foi norteadada pela experiência relatada por Kiraly (2000) que, baseado em uma abordagem construtivista, buscou evitar, em sala de aula, um modelo centrado no professor, a fim de observar de que forma os estudantes lidavam com esse processo de aprendizagem, extraindo os aspectos positivos e negativos da experiência tradutória. Neste trabalho, também serão abordados os pontos positivos e negativos durante o curso da disciplina de Prática de Tradução em Língua Inglesa. Dito isto, o trabalho busca mostrar como processo de tradução do para a língua inglesa promoveu importantes reflexões sobre a construção do projeto tradutório, apresentando desafios relacionados especialmente a decisão dos tradutores em formação de preservar a formalidade do texto original.

Palavras-chave: Prática de Tradução; Formação de Tradutores; Machado de Assis.

ABSTRACT: *This work describes a translation experience of the short story ‘A Cartomante’, by Machado de Assis in the context of a course on translation practice in English at Universidade Federal da Paraíba, during the semester of 2016.2. It aims to present, from the students’ perspective, the theoretical reflections raised by the translation process and how these reflections and the method applied in the classroom contributed to the students’ translation competence, as well as the development of a more critical view on the translator’s roles as a professional. The methodology adopted in this course was guided by the experience described by Kiraly (2000), who, based on a constructivist approach, aimed to avoid, in the classroom, a teacher centered model of teaching, in order to observe how students dealt with this learning process and which positive and negative aspects came from it. That said, this work’s goal is to present how the translation work developed in this course fomented relevant discussion about the collective creation of the translation Project, bringing forward challenges related especially to the students’ decision to try to maintain the source material’s style.*

Keywords: *Translation Practice; Translator Development, Machado de Assis.*

INTRODUÇÃO

Esse trabalho relata a experiência desenvolvida na disciplina Prática de Tradução em Língua Inglesa do curso de Graduação em Tradução da Universidade Federal da Paraíba, que consiste na tradução coletiva do conto ‘A Cartomante’, de Machado de Assis para a língua inglesa. A disciplina em questão foi composta por um grupo de seis estudantes de diferentes períodos dos cursos de Tradução e Letras-Ingês da UFPB.

O método adotado na disciplina foi norteadado pela experiência relatada por Kiraly (2000) que, baseado em uma abordagem construtivista, buscou instaurar uma sala de aula que

se distanciasse de um modelo *teacher centered* a fim de observar de que forma os estudantes lidavam com esse processo de aprendizagem, extraindo os aspectos positivos e negativos do processo tradutório.

A OBRA

A Cartomante é um conto do escritor brasileiro Machado de Assis, publicado originalmente na Gazeta de Notícias do Rio de Janeiro, em 1884, podendo ser encontrado nos livros *Várias Histórias* e *Contos – Uma Antologia*. Narrado em terceira pessoa, por um narrador que frequentemente invoca o leitor para dentro da trama, o conto apresenta a história de um triângulo amoroso entre as personagens Vilela, Camilo e Rita, tratando de temas como amizade e traição.

A história se passa no ano de 1869, no Rio de Janeiro, onde os amigos de infância Camilo e Vilela, após anos de distância, reencontram-se. Vilela casara-se com Rita, que mais tarde seria apresentada ao amigo. Rita e Camilo, contudo, constroem uma relação mais íntima e acabam se envolvendo em um relacionamento extraconjugal. A situação arriscada leva a jovem a consultar uma cartomante, que lhe reassegura a confiança no amor de Camilo e em seu futuro juntos. Passado algum tempo, o jovem Camilo recebe uma carta de seu amigo Vilela, pedindo que ele se apressasse em encontrá-lo na sua casa. A partir deste convite, uma série de acontecimentos é desencadeada – inclusive a visita do cético Camilo à mesma cartomante – culminando num final súbito e surpreendente.

A escolha do texto foi feita por meio de votação e discussão entre os alunos da disciplina, e deu-se especialmente pelo fato de se tratar de um texto de domínio público e amplamente conhecido no meio acadêmico brasileiro, cujos integrantes constituem o público alvo. Além disso, vale ressaltar a grande influência literária que representa o autor Machado de Assis, bem como a afinidade pessoal do grupo por sua obra.

A PRÁTICA

Durante um período de quatro meses, foram realizadas duas reuniões semanais durante nas quais ocorreu o processo tradutório, através de pesquisas, discussões e debates orientados pelo docente responsável pela disciplina. Os encontros foram realizados ao longo do período letivo 2016.2 no Laboratório de Tradução da Universidade Federal da Paraíba, onde o grupo tinha acesso a computadores com internet, utilizada como ferramenta de pesquisa durante todo o processo.

De forma geral, esta foi uma disciplina na qual o ensino esteve impreterivelmente interligado à prática de traduções; o curso foi permeado pela leitura de textos teóricos que enfatizam as relações entre a teoria e a prática, sempre de maneira contextualizada e relevante para as discussões que ocorriam em sala de aula. Em alguns momentos, a sugestão de leitura era motivada por impasses específicos, de forma que o aparato teórico nos instrumentalizava para lidar com as dificuldades que surgiam e fazer escolhas mais responsáveis.

Seguindo a metodologia de Kiraly (2000), o professor atuou como mediador fazendo poucas intervenções e deixando os alunos fazerem suas escolhas tradutórias, conforme observamos a metodologia de Kiraly (2000):

À medida que os alunos começam a identificar suas próprias tarefas e áreas problemáticas, esses aspectos podem ser abordados pelo professor e tratados através do *scaffolding* conforme seja necessário. Desde o início do curso, a

ênfase é colocada no objetivo final de completar uma tradução autêntica para padrões profissionais no qual irá encorajar os alunos a manter os seus objetivos pessoais e grupais em foco, a refletir sobre as dificuldades que possam ter com os inúmeros aspectos do trabalho do tradutor e para criar e praticar estratégias pessoais para melhorar suas próprias competências. (KIRALY, 2000, p.104) (tradução nossa)

Assim como Kiraly (2000), em vez de ditar como os alunos iriam proceder, o professor atuou como coordenador do projeto e como um dos vários recursos humanos que os alunos podiam consultar, dentro ou fora da aula. Os discentes foram encorajados a tomar suas próprias decisões em grupo e o professor indicava recursos e fontes para que os alunos pudessem solucionar os possíveis problemas no processo tradutório. Outro ponto que é importante destacar, é que houve reuniões para o docente discutir o andamento do trabalho identificando e resolvendo os vários níveis de dificuldade inerentes à tradução, como escolhas tradutórias, adequação, e problemas que os tradutores enfrentaram assim como foi feito no trabalho de Kiraly (2000), conforme mostramos abaixo:

Como mediador de aprendizagem em sala de aula, evitei assumir um papel dominador de distribuidor de conhecimento. Por outro lado, eu simplesmente não deixei os alunos utilizando completamente seus próprios meios para descobrir coisas por conta própria. Utilizei uma situação autêntica de uma verdadeira tarefa de tradução como um espaço de aprendizagem, ou seja, para eles identificarem e resolverem os vários níveis de dificuldade inerentes à tarefa. Os alunos passaram inúmeras horas trabalhando através de textos feitos por diferentes grupos e discutiram questões de adequação, qualidade, estilo e muitas outras características de compreensão e produção de texto que os tradutores enfrentam. (KIRALY, 2000, p.121 (tradução nossa)

É eminente ressaltar que a metodologia adotada para a tradução do texto pelo grupo discente sofreu modificações ao longo da disciplina, motivadas principalmente pelos desafios relacionados ao caráter coletivo do trabalho. Sendo assim, nas reuniões iniciais, pautado em discussões que buscavam traçar um projeto tradutório inicial, o grupo decidiu que, em cada encontro, trabalharia com um ou dois parágrafos, que seriam traduzidos individualmente em casa e compartilhados no encontro presencial, onde os resultados seriam comparados e, a partir deles, o grupo chegaria a um consenso. Essa estratégia logo se mostrou ineficaz, além de dispendiosa em termos de tempo. Assim, optou-se pelas pesquisas, escolhas e debates serem feitos presencialmente com todos os tradutores presentes, de forma que cada um poderia dar sugestões, eliminar as dúvidas e assim melhorar e acelerar o processo tradutório. Deste modo, foi sendo organizado, à medida que o texto era traduzido, um trabalho de reflexão coletiva, que melhorou e acelerou a tradução consideravelmente.

Em se tratando de uma disciplina oferecida em uma grade curricular do ensino superior, cabe discutir a avaliação da tarefa enquanto requisito formal para aprovação dos alunos e alunas na disciplina de Prática de língua inglesa. Em consonância com a abordagem construtivista adotada no decorrer do semestre, foram buscadas alternativas de avaliação que não tivessem como finalidade apenas a atribuição de notas, mas a construção de um ambiente de auto-avaliação e reflexão por parte dos próprios alunos. Referência nesse sentido é o trabalho de Morais e Ferreira (2007) que aborda a questão da avaliação de textos escritos em uma concepção de ensino e aprendizagem que estimula alunos a avaliar as próprias produções corrigindo suas faltas e reconstruindo as mesmas (Morais e Ferreira, 2007). Os autores defendem uma perspectiva onde a avaliação não tem como finalidade decidir se o aluno merece ser reprovado ou aprovado e sim facilitar a escolha de estratégias de ensino que possibilite o desenvolvimento do aluno como produtor de textos escritos:

Para que os aprendizes se tornem escritores autônomos, considera-se fundamental que eles possam começar, desde muito cedo, a aprender a avaliar as próprias produções. Nesse processo, é importante explicitar para os alunos os critérios de avaliação que o professor utiliza para que o aluno, na releitura compartilhada ou individual do seu texto e por meio da leitura dos textos dos colegas, possa identificar as “faltas” e reconstruí-las. Assim, além de favorecer aos alunos um momento de reflexão, essa atividade avaliativa está dando-lhes condições de construir um sistema pessoal para aprender a escrever, que poderá ser enriquecido progressivamente. (MORAIS; FERREIRA, 2007, p.79)

Durante o processo de tradução do conto ‘A cartomante’, foram realizadas reuniões com o professor para discutir o texto traduzido, eliminar dúvidas e corrigir os erros quando necessários, reconstruindo e enriquecendo a tradução progressivamente. As dúvidas que, a princípio, envolviam questões mais estruturais, tornaram-se mais complexas ao longo da disciplina, favorecendo o desenvolvimento do trabalho e o aprendizado dos alunos.

Em sala de aula, o grupo de estudantes foi encorajado a analisar e refletir suas próprias produções e a registrar as dificuldades e soluções encontradas conforme estas ocorriam. Esse registro escrito culminou na redação de um prefácio para o texto, onde o grupo buscou apresentar o processo reflexivo e as razões que motivaram as escolhas tradutórias realizadas. Por fim, além do processo auto-avaliativo, o curso contou com uma avaliadora externa, docente da mesma instituição ensino, que teve acesso ao resultado final do trabalho e que foi responsável pela revisão final do texto, além de oferecer *feedback* com relação ao processo tradutório descrito no prefácio do trabalho.

A maneira como a disciplina foi estruturada e executada, desde o método de tradução escolhido pelo grupo até o processo avaliativo como um todo aproximou os alunos de um contexto real de trabalho. Como exemplo, citamos as dificuldades relacionadas ao trabalho em equipe – as divergências de opiniões que frequentemente atrapalhavam a fluidez do processo-, bem como a avaliação externa que, de certa forma, funcionou como uma tentativa de simular o posicionamento de um cliente.

O PROCESSO TRADUTÓRIO

Antes de iniciarmos uma reflexão acerca dos desafios encontrados em sala, é importante descartamos a complexidade da linguagem machadiana. O conto ‘A cartomante’, apresenta uma linguagem narrada em 3ª pessoa no qual existe a presença onisciente do autor, que descreve e narra os fatos. A linguagem Machadiana é marcada por expressões em desuso, mas que refletem a linguagem da época, conforme menciona Ferreira (2007):

Realmente: não é preciso um contacto íntimo com o escritor para notar-se como ele soube fixar muito do que a boa tradição lingüística lhe forneceu, através de aturada leitura dos clássicos, aliado ao espírito da língua do seu tempo, e com ligeiros toques de alguma coisa que parecia transcender do momento, projetar-se um pouco além. Tudo isso a serviço de um dos melhores estilos que já houve em português. Se, por um lado, em seus livros se nos deparam expressões caídas em desuso, arcaísmos da gema, que nem sempre lhe foi dado renovar, reflete-se neles, por outro, a linguagem da época, e neles se adivinha algo de novo para a época. (FERREIRA, 2007, p.104)

No processo tradutório, o estilo machadiano trouxe grandes desafios para os tradutores e as tradutoras em formação, conforme veremos mais adiante. Grande parte das dificuldades encontradas estão relacionadas as expressões utilizadas e à linguagem própria utilizada por Machado em suas obras, o que frequentemente refletiu em momentos de impasse nos quais o grupo tinha dificuldades em depreender significados a partir do texto fonte”. Um aspecto que merece ressaltar é que o conto é marcado por metáforas. Durante a parte inicial do conto, que consiste basicamente no diálogo entre Rita e Camilo, nos deparamos com a maior dificuldade encontrada durante todo o processo tradutório. Trata-se de uma passagem em que o narrador faz uso de uma metáfora em que compara o processo de desconstrução das crenças dentro as quais Camilo foi criado com o processo de poda de vegetação, de acordo com o trecho abaixo:

Também ele, em criança, e ainda depois, foi supersticioso, teve um arsenal inteiro de credices, que a mãe lhe inculcou e que aos vinte anos desapareceram. No dia em que deixou cair toda essa vegetação parasita, e ficou só o tronco da religião, ele, como tivesse recebido da mãe ambos os ensinamentos, envolveu-os na mesma dúvida, e logo depois em uma só negação total. (ASSIS, 2007).

Optamos pela escolha de termos como “*garden*”, “*pruned*”, “*trunk*” e “*wrapped*”, que reforçam a ideia da vegetação, uma vez que julgamos importante o uso da metáfora para a construção do personagem e adequado o investimento nessa imagem da religião enquanto um sistema rizomático, conforme se pode observar no resultado final da tradução:

He himself, as a child, and even after that, was superstitious, with a whole garden of beliefs instilled by his mother, all of which disappeared when he was twenty years old. On the day he pruned all of these parasitic plants and only the trunk of religion remained, like having received from his mother both principles, he wrapped them in the same doubts, and soon after in a single total denial.⁹

Um aspecto muito importante na tradução do texto de Machado, também devido sua especificidade estilística, foi a dicotomia entre coloquialismo e língua formal. Cientes do contexto no qual a obra foi escrita e publicada houve uma tentativa de zelar por um registro mais formal condizente com o estilo linguístico da época e, por outro lado, foi necessário considerar a todo momento o público alvo e o a função do texto com o qual estamos lidando.

Destacamos o uso de expressões como “*better safe than sorry*” e “*so far, so good*” para a tradução, respectivamente, de “a precaução era útil” e “Até aí as cousas” como exemplos nos quais nossa preocupação se estendeu ao ponto de investigar a etimologia dessas expressões, a fim de garantir que seu uso seria adequado à época em que o texto foi escrito.

Durante o processo, também vieram à tona algumas questões que remetem a ideia de Venuti quanto à estrangeirização no processo tradutório e suas implicações para a tarefa de tradução. Com relação à ambientação, por exemplo, buscou-se manter as características descritas por Machado e os elementos que apontam para um contexto brasileiro, incluindo nomes de ruas e bairros. A opção por manter os nomes dos lugares e personagens do texto original reflete nossa tentativa de permitir que o leitor do texto em inglês perceba que a narrativa foi construída em local não originalmente falante da língua inglesa, ou seja, trata-se de uma forma de dar visibilidade ao estrangeiro e evidenciar a intervenção das tradutoras e

⁹ Trecho da tradução realizada em sala de aula do conto “A Cartomante” na disciplina Prática de Tradução em Língua Inglesa.

dos tradutores envolvidos. A concretização dessa escolha nos forçou a refletir sobre nosso papel enquanto tradutores, mas também enquanto leitores de textos estrangeiros. Como aponta Venuti:

Reconhecer um texto como traduzido e incorporar esse reconhecimento às interpretações em sala de aula pode ensinar aos alunos que suas operações críticas são limitadas e provisórias, situadas numa história transitória de recepção, numa situação cultural específica, num currículo, numa língua específica. E com o conhecimento das limitações vem a consciência das possibilidades, maneiras diferentes de entender o texto estrangeiro, maneiras diferentes de entender seus próprios momentos culturais (VENUTI, 2002, p. 178-179).

Nossas leituras da obra também foram determinantes em algumas escolhas. Por exemplo, no segundo parágrafo, temos a seguinte construção: “Apenas começou a botar as cartas, disse-me: ‘A senhora gosta de uma pessoa...’”. A partir da nossa percepção de que os comentários da cartomante eram gerais, ambíguos e falsos, no sentido de que soariam como verdade para qualquer pessoa, optamos por uma construção a menos específica possível, traduzindo para “*you have feelings for someone...*”. No texto traduzido, esse trecho acaba por representar o Efeito Forer⁷, que consiste na observação de que as pessoas avaliam como corretas as avaliações de suas personalidades que são, supostamente, feitas exclusivamente para elas, mas que na verdade são vagas e genéricas o bastante para se aplicarem a uma grande quantidade de pessoas. A frase “*you have feelings for someone...*” poderia facilmente se adequar a um grande número de situações que em nada se assemelham à situação vivida por Rita, contudo esta julga que a cartomante “adivinhou o móvito da consulta”.

Ao longo do processo, os problemas de tradução e suas respectivas decisões eram discutidos tendo o texto como limite maior de estrutura, ou seja, tomávamos o conto inteiro como referência para a escolha, não só a frase ou o trecho em que o termo discutido estava localizado. A tentativa de que os itens lexicais escolhidos estivessem de acordo com o texto que o grupo pretendia construir, bem como ao projeto de tradução ao qual nos comprometemos. Conforme aponta Paganine (2016):

Então é a partir da interpretação que o tradutor faz suas escolhas e decide o que deve ser transposto e como deve ser transposto, pois um bom tradutor não tem mais a ingenuidade de acreditar que poderá traduzir todos os elementos formais e de sentido, ele sabe que terá que fazer escolhas. Sabe também que não pode se desvencilhar de sua interpretação, de seu entendimento sobre o que é o literário, de seu entendimento sobre o que é a obra estrangeira e até mesmo de seu entendimento sobre os objetivos e a importância de sua tradução. (PAGANINE, 2016, p.112)

Por fim, devido a heterogeneidade de *backgrounds* dos estudantes envolvidos na tradução, gostaríamos de apontar nossos relatos individuais da experiência da disciplina, a partir da perspectiva de cursos diferentes.

RELATO DE EXPERIÊNCIA 1

No curso de Letras-Inglês, meu único contato com Tradução foi a disciplina de Introdução aos Estudos da Tradução. Esse curso, apesar de ter me apresentado a muitas das reflexões que eu viria a revisar na disciplina relatada nesse trabalho, não incluía prática de

tradução de textos. Dessa maneira, por ser minha primeira experiência com tradução, o trabalho devolvido na disciplina de Prática de Tradução em Língua Inglesa me proporcionou uma conscientização, enquanto leitora de textos literários, da natureza do trabalho tradutório, sua complexidade e seu caráter processual.

Apesar de estar inserida no universo literário desde muito jovem, sempre fui amplamente exposta à visão “senso comum” da tradução como algo que, quando tem qualidade, deve passar despercebido: se o tradutor fizer bem seu trabalho, ele não será sequer notado ou reconhecido e o leitor terá a impressão que a obra foi escrita na língua em que ele está tendo acesso. Com a disciplina pude desconstruir essa visão, perceber as implicações inclusive políticas que perpassam a decisão do tradutor ou do grupo de tradutores de se fazer visto no texto traduzido e de evidenciar ideias e posicionamentos sobre sua própria atuação e sua área de trabalho através de suas escolhas tradutórias. A partir disso, pude questionar meu próprio conceito de uma “boa tradução” e da função do tradutor em si.

A disciplina mostrou-se rica para mim em diversos aspectos, por ter interesse em me aprofundar em tradução enquanto campo disciplinar, mas também enquanto possível futura professora de língua estrangeira, pois com essa experiência, percebi, conforme aponta Paganine (2016), “que a tarefa de traduzir implica diferentes recursos no manejo da língua estrangeira e que esses recursos ajudam a esclarecer os pontos de contato e distanciamento entre língua estrangeira e língua materna”. Traduzindo ‘A Cartomante’ junto a meus colegas de turma, pude acentuar minha consciência sobre a complexidade envolvida nas equivalências lexicais entre a língua portuguesa e inglesa, explorando o potencial semântico das palavras e expandindo esse potencial a níveis antes não imaginados. Nesse sentido, ainda que de forma superficial, vi-me levada a refletir sobre o uso da tradução na sala de aula de língua estrangeira, assunto que é frequentemente debatido no meu curso.

Também tive contato com o instrumental básico do tradutor e me deparei com desafios provocados por lidar com algumas ferramentas pela primeira vez e ter de me adaptar a elas, mas também pude perceber o potencial dessas ferramentas para outras práticas no meu curso e na minha vivência enquanto estudante de forma geral. O uso constante de dicionários eletrônicos, por exemplo, me levou a um exercício reflexivo ainda mais complexo, no sentido de problematizar a função desses dicionários e entender porque alguns funcionam melhor do que outros para o propósito da tradução literária.

A disciplina promoveu um novo espaço de desenvolvimento linguístico e de vocabulário, além de aguçar minha consciência com relação a coerência do texto, em suas diversas ramificações, e percebo como consequência que minha escrita se tornou mais intencional.

Sendo assim, o desafio proporcionado pela tradução do conto machadiano fez com que eu abandonasse algumas visões do senso comum que eu ainda carregava comigo, como a noção de fidelidade absoluta; o papel muitas vezes invisível e subestimado da tradução na vida cultural e política; o desconhecimento sobre o que de fato envolve a tarefa de traduzir e a construção de uma visão crítica sobre o sofisticado processo de tomada de decisões próprio do processo tradutório (Paganine, 2016, p.121-122). Encerro a disciplina orientada por uma nova visão, de que escrever e traduzir são como duas etapas de um mesmo processo, ambas necessárias para a criação literária.

RELATO DE EXPERIÊNCIA 2

No curso de Bacharelado de Tradução da Universidade Federal da Paraíba obtive contato com várias disciplinas estudando teorias e podendo conhecer e ter aulas práticas de diferentes áreas de tradução. A metodologia adotada na disciplina Prática de Tradução de

Língua Inglesa que seguiu a proposta de Kiraly (2000) foi de extrema importância para minha formação como tradutora. O método apresentou um diferencial não vivenciado nas disciplinas anteriores.

A priori, menciono que embora as demais disciplinas práticas tenham me proporcionado um amplo conhecimento linguístico, a disciplina de prática em língua inglesa trouxe o desafio de traduzir pela primeira vez um texto da literatura machadiana com outros alunos, onde pude compartilhar com diferentes pontos de vistas acerca do trabalho de tradução. Além da oportunidade de poder dialogar com outros tradutores e poder debater acerca da melhor escolha tradutória, o conto 'A Cartomante' apresentou um grande desafio por ser amplamente rico em vocabulário e expressões idiomáticas que não são usadas na atualidade.

O método aplicado em sala de aula deu autonomia para que eu pudesse fazer reflexões acerca do texto a ser traduzido e tomar decisões junto aos colegas sobre como a tradução iria ser feita, discutindo questões como vocabulário, equivalência, público-alvo e escolhas tradutórias. Nesse sentido, o professor como mediador indicou recursos para que pudessemos questões linguísticas e extralinguísticas sem de fato interferir nas decisões do grupo. Através da discussão grupal no processo tradutório, pude ver outras formas de solucionar problemas através dos diferentes métodos de solução utilizados pelos demais colegas, onde foi possível compartilhar ideias e diferentes formas de solucionar problemas de tradução.

O fato dos alunos serem encorajados a construir seus próprios textos tendo o professor como mediador, prepara os discentes para uma o mercado de trabalho após o término da conclusão do curso, no qual os alunos irão ter que solucionar suas próprias decisões.

As reuniões para a discussão da tradução do conto fizeram com que pudessemos refletir e analisar as possíveis faltas cometidas no texto alvo e reconstruí-las melhorando sua qualidade progressivamente. O método de Kiraly (2000) adotado pelo docente contribuiu para a produção textual da classe em um trabalho em grupo bem como o desenvolvimento de habilidades tradutórias e de conhecimento interpretativo. Realizar uma tradução junto com os demais colegas faz com que possamos compartilhar diferentes abordagens na tradução literária e dialogar para que se chegue a um consenso na busca da melhor tradução. Houve uma melhora significativa no vocabulário, na conscientização da coerência do texto e principalmente da análise e reflexão dos erros e da necessidade de se desprender do texto fonte. A disciplina ajudou a planejar nossas traduções, principalmente para diagnosticar algumas lacunas relacionadas à textualidade como a organização, coerência, coesão e pontuação, assim como a revisão até chegar a etapa de uma edição final.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho buscou apresentar, do ponto de vista discente, as dificuldades suscitadas na tradução do conto 'A Cartomante', de Machado de Assis, para a língua inglesa, no contexto da disciplina Prática de Tradução em Língua Inglesa. Seu foco foi expor as reflexões teóricas decorrentes dessas dificuldades e de que forma essas reflexões e a metodologia aplicada em sala de aula contribuíram para o desenvolvimento da competência tradutória das alunas envolvidas, bem como de uma visão mais crítica acerca das funções do tradutor.

De acordo com as reflexões apresentadas e os relatos de experiência, observa-se que o processo de tradução do conto promoveu importantes reflexões sobre a construção do projeto tradutório, que nos apresentou desafios relacionados especialmente a nossa decisão de preservar a formalidade do texto original. Além disso, o processo de traduzir esse conto

trouxe à tona a importância de se desprender da organização das ideias tal como ela se constitui em língua portuguesa, uma vez que o arranjo das ideias em língua inglesa durante a reescrita do texto não necessariamente nos levou a resultados semelhantes ao texto fonte no que se refere a estrutura e escolha de palavras.

A prática promovida pela disciplina, a constante supervisão docente e um método avaliativo voltado para a auto-reflexão, combinado a uma avaliação externa contextualizada garantiu uma experiência enriquecedora ao longo de todo o período letivo trazendo contribuições para o grupo de forma geral, mas especialmente para as autoras desse trabalho, que buscaram expor a perspectiva de dois cursos de graduação diferentes. Assim, o intuito de divulgar essa experiência foi exibir uma perspectiva didática e de aprendizagem adotada no contexto local, elencando suas implicações do ponto de vista discente e suas contribuições para a formação acadêmica e profissional das estudantes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ASSIS, Machado de. **A cartomante**. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/ua000181.pdf>. Acesso em: 27 out. 2017.
- FERREIRA, Aurélio Albuquerque de Holanda. **Linguagem e estilo de Machado de Assis, Eça de Queirós e Simões Lopes Neto**. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2007.
- KIRALY, Donald C. **A social constructivist approach to translation education: empowerment from theory to practice**. Library of Congress Cataloging, 2000.
- MORAIS, Artur Gomes Moraes; FERREIRA, Andréa Tereza Brito. Produção de textos na escola: reflexões e práticas no Ensino In: **Avaliação do texto escrito: uma questão de concepção de ensino e aprendizagem**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.
- PAGANINE, Carolina. **O ensino de teorias da tradução no curso de Letras**. Uberlândia: Letras & Letras, vol. 32/1, 2016. p. 109-123.
- VENUTI, L. A pedagogia da literatura. In: _____. **Escândalos da tradução: por uma ética da diferença**. Trad. Laureano Pelegrin, Lucinéia M. Villela, Marileide D. Esqueda e Valéria Biondo. Bauru: EDUSC, 2002. p. 169-201.
- VENUTI, L. **The Translator's Invisibility: A History of Translation**. London/New York: Routledge, 1995.